

FORMAÇÃO CONTINUADA EM LÍNGUA PORTUGUESA
ROTEIRO DE ATIVIDADES

1ª SÉRIE

4º BIMESTRE

AUTORIA

DAFINI MARTINS DA CAMARA DE MELO

Rio de Janeiro

2012

TEXTO GERADOR I

A entrevista é feita a um grande poeta e compositor da década de 70, mostrando seu lado polêmico e brilhante para a época.

Raul Seixas: A verdade do Universo

Autoproclamado o “primeiro artista de iê-iê-iê pós-romântico”, Raul Seixas cravou a desilusão da nossa classe média nas paradas com um dos maiores hits de 1973, a balada folk “Ouro de Tolo”. O sucesso transformou o produtor meticuloso em um ídolo pop, dali em guru/filósofo e dali em um mito do rock nacional. Para muito além das lendas, conheça o que realmente se passava na cabeça de Raulzito em três entrevistas históricas, em três momentos diferentes de sua carreira

Quando ganhou as rádios com “Ouro de Tolo”, vendendo 60 mil singles em poucos dias, Raul Seixas já podia se considerar um veterano.

Aos 27 anos (três a menos do que Celly Campello, por exemplo), o baiano de Salvador já tentava a sorte no Rio de Janeiro havia meia década. Apadrinhado por Jerry Adriani, Raul chegou com sua banda soteropolitana de iê-iê-iê (Raulzito & Os Panteras), um explosivo fracasso surgido quando ninguém mais queria saber de jovem guarda. Aceitou um convite para trabalhar como produtor na CBS, onde compôs e coordenou discos de gente tão diversa quanto Trio Ternura, Renato & Seus Blue Caps, Tony & Frankie, Leno e outros.

Por força do trabalho, descobriu o capixaba Sérgio Sampaio. “Acreditei tanto nesse cara que ele me convenceu a voltar a ser artista”, diria anos depois. Durante uma viagem da cúpula da CBS, Raul aproveitou os estúdios da casa e registrou um disco absolutamente caótico chamado Sociedade da Grã-Ordem Kavernita Apresenta: Sessão das Dez, gravado ao lado de Sampaio, Miriam Batucada e Edy Star. Acabou demitido.

Em 1972, sem nada a perder, inscreveu-se no VII Festival Internacional da Canção com um curto-circuito entre baião e rock chamado “Let Me Sing, Let Me Sing”, que defendeu vestido de couro preto, como o Elvis de 1968. Rapidamente, foi contratado pela central de

malucos que era a gravadora Philips. Raul já sabia tudo de estúdio, já sabia como manipular o gosto médio brasileiro e como provocar o público.

“Ouro de Tolo”, balada triste à moda de “Sentado à Beira do Caminho” e “Detalhes” (hits recentes de Roberto e Erasmo), com uma letra verborrágica à moda de Bob Dylan, era um sucesso esperado.

Antes do single, Raul já chamara a atenção ao aparecer no Programa Silvio Santos falando sobre discos voadores. Depois, saiu com seu parceiro, o letrista Paulo Coelho, pelo centro do Rio de Janeiro, cantando “Ouro de Tolo” 40 vezes, cercado por uma multidão de curiosos. E ainda topou trocar o “Corcel 73” da letra original por “carrão 73”, porque a Globo não queria fazer “propaganda gratuita” da Ford.

Assim, não espantou o sucesso da canção, nem que seu primeiro álbum-solo, Krig-Ha, Bandolo!, lançado em julho de 1973, tenha sido um hit nacional, emplacando outros clássicos como “Mosca na Sopa”, “Al Capone” e “Metamorfose Ambulante”, além de divulgar a imagem do cantor como ícone popular. A entrevista a seguir foi realizada no auge desse sucesso inicial e publicada em novembro de 1973 na revista Pop.

Como você define sua música?

Minha música é vendável, consumível, para ser entendida por todo mundo. Não adianta dizer as coisas para grupos pequenos, fechados. Minha música entra em todas as estruturas.

Se você tivesse de classificar sua música, como faria?

Sou o único no Brasil que faz o iê-iê-iê realista, pós-romântico. É uma visão nova das coisas.

Você considera a televisão importante para divulgar seu trabalho?

Numa certa medida, sim. Mas não dá para apresentar o trabalho como um todo. A gente não consegue se mostrar como é, frustra um pouco, sabe? De agora em diante, só vou fazer programas especiais.

Então o palco seria o lugar ideal para você mostrar seu trabalho?

É isso, adoro o palco. As luzes me fascinam, é um negócio mágico. A comunicação direta com o público é emocionante. Nos shows, a gente pode fazer um trabalho mais criativo, criando em cima das coisas que já fez.

E a música popular brasileira, Raul, como vai?

Hoje, felizmente, não existe mais a preocupação em classificar rumos e tendências. Cada um faz seu trabalho individualmente. Existem os trabalhos de Gil, Caetano, Macalé, Sérgio Sampaio, Milton Nascimento, Luiz Melodia, Novos Baianos, Gonzaguinha...

Falando um pouco sobre MPB, o que foi significativo na época?

O tropicalismo foi importante, deu uma guinada na MPB. Não adianta você pichar, dizer que não deu, porque deu. E foi um movimento consciente, os meninos eram inteligentes.

Como era a sua relação com os empresários? Quais as dificuldades que você enfrentava?

Quando estive com o Guilherme Araújo (1973/74), fui destacado para ser mais um baiano. Era baiano, mas não era dos baianos. Os empresários cuidavam dos livros, economicamente falando, e me passavam para trás. Jogavam tudo que era meu no imposto de renda deles. Esse negócio começou a me dar bronca. Tentei outros caras, mas os lugares em que ia tocar não me contentavam. Era muita feira de gado. Os empresários me passam para trás porque sou muito ingênuo nessa coisa de dinheiro. Muitas vezes eu fazia arbitrariedades porque sabia que não ia receber.

O que aconteceu nos bastidores do Festival Internacional da Canção de 1972?

Eu ia tirar a segunda colocação nesse festival com “Let Me Sing, Let Me Sing”, e o pessoal federal estava atrás da coxia dizendo que se eu ganhasse estava frito. Nunca tinha visto isso. Fiquei apavorado! Eu não podia ganhar! Isso porque o júri, segundo eles, era anarquista – Rogério Duprat, Guilherme Araújo, Nelsinho Motta. Peguei o terceiro lugar.

Fale um pouco da sua parceria com Paulo Coelho.

Posso dizer que existia uma briga cultural com ele, para ver quem ganhava. Eu era o melhor amigo do inimigo, e vice-versa. Depois, houve um certo desgaste no relacionamento. Mas sempre foi uma boa parceria, saíram obras lindíssimas.

E os óvnis?

Em 1973, comecei a falar nisso e ninguém me levou a sério. Aí me encheram tanto que parei, estava cansado de dar murro em ponta de faca. Compus “Ouro de Tolo” porque realmente vi um disco voador. Foi um toque estranho mesmo, me senti impelido. Eu vomitei a música. Foi na Barra da Tijuca e durou uns 10 minutos. E eu sou cético, agnóstico...

Ao longo da década de 80, Raul enfrentou toda sorte de dificuldades – brigando com a imagem de “guru” que o aprisionava, com a indústria do disco, com a saúde debilitada, com o alcoolismo, com a diabetes, às vezes com seu próprio público. Fechou-se em sua nostalgia e passou a ser visto como uma figura romântica, saudosa dos bons tempos do “verdadeiro rock’n’roll”. Depois de quatro anos afastado dos palcos, vivendo sozinho em um pequeno apartamento no centro de São Paulo, o ex-Camisa de Vênus Marcelo Nova convidou o ídolo para uma série de 50 shows celebratórios por todo o Brasil. Em 21 de agosto de 1989, na véspera de ver lançado o disco de canções inéditas que gravaram em conjunto (A Painha do Diabo), Raul Seixas morreu, de parada cardíaca. Nascia o mais forte mito da história da música brasileira. Na entrevista a seguir, conduzida por Luísa de Oliveira e publicada na revista Bizz em março de 1986, Raul reafirmava sua convicção no rock’n’roll original e explicava por que acreditava que o estilo morreria em 1959.

Tem um escrito seu muito interessante, “Duas palavras sobre a Revolução Pop”...

Digo isso na música “A Verdade Sobre a Nostalgia”, do disco Novo Aeon: “Mamãe já ouviu Beatles, papai já desbundou/ com meu cabelo grande/ eu fiquei contra o que eu já sou”. Não é isso? Esse movimento todo foi por água abaixo porque o sistema se utilizou disso e os jovens não notaram que estavam comprando roupa hippie. Como os punks comprando roupa punk, raspando a cabeça e cantando músicas que o sistema comercializa. Não é assim que se

entra. Tem de entrar em buraco de rato. Não como esses conjuntos que a Globo faz, que são meteoros e são “sucumbidos”. As coisas pré-fabricadas não duram.

Para muita gente, você sempre teve fama de irresponsável. Considera isso uma injustiça?

Sou teimoso e todos querem que eu seja certinho. Não, sou chato mesmo, “mosca na sopa” até hoje. Sou mais anárquico do que irresponsável, mas sei jogar direitinho, com uma boa dose de cautela. Se você mover uma peça errada, dança.

Fonte: <http://super.abril.com.br/cultura/raul-seixas-verdade-universo-445237.shtml>

ATIVIDADE USO DA LÍNGUA

QUESTÃO 1

De acordo com o trecho retirado da entrevista: “*A gente não consegue se mostrar como é, frustra um pouco, sabe?*”. Qual função da linguagem predominante?

Habilidade trabalhada

Reconhecer as funções, referencial, metalinguística e fática da linguagem.

Resposta comentada

Como finalidade da entrevista, devemos mostrar aos alunos uma melhor compreensão em relação às funções, como se classificam, lembrando que todo texto produzido existe por objetivo. No caso da entrevista o foco passa a não ser o conteúdo, nem o código, pois existe uma interação, do entrevistador e, por conter a pergunta “*sabe?*”, como uma conversa afinal, então, temos o canal como elemento principal neste ato comunicativo. No entanto baseado nesta afirmação a única opção seria a função fática

QUESTÃO 2

Classifique o texto estudado em discurso direto, indireto ou indireto livre.

Habilidade trabalhada

Reconhecer as formas de reportar uma fala pelo uso dos discursos direto, indireto e indireto livre.

Resposta comentada

Lembrando mais uma vez a estrutura empregada pelo gênero entrevista, temos o diálogo em foco, ou seja, o discurso direto, pois existem marcas de pontuação adequada, que são os travessões, os pontos interrogativos, e o verbo no modo presente do indicativo, como no trecho: “*E a música popular brasileira, Raul, como vai?*”

ATIVIDADE DE PRODUÇÃO TEXTUAL

QUESTÃO 3

Como a música é assunto adorado por todos da turma. Peço que entrevistem, alguma pessoa de conhecimento de vocês, que saiba tocar algum instrumento musical, ou que trabalhem, estudem com a música.

Para que dê certo o trabalho de vocês, vão aí um plano:

- Organizem-se em grupos, com no máximo cinco componentes.
- Procure em seu bairro, escola, família, alguém que se enquadre no assunto para entrevista.
- Procure mais informações sobre o entrevistado.
- Faça um roteiro com perguntas objetivas.
- Não se esqueça de pontuar adequadamente, as perguntas e respostas, para que nos leitores possamos identifica-las.

- Por fim a entrevista deverá ser afixada no mural da escola, para que todos possamos fazer a leitura.

Habilidade trabalhada

Produzir roteiro para uma entrevista editando-a depois para publicação em jornal, mural ou blog.

Resposta comentada

Devemos comentar com nossos alunos, que todas as informações que obtiverem com a entrevista, jamais deverão conter criações próprias, não transmitindo veracidade das respostas. E que apesar de ser um trabalho escolar, não se pode negar que estamos entrevistando outra pessoa, portanto respeito acima de tudo. E orientá-los para que as perguntas estejam dentro do assunto proposto, observando sempre a gramática, a escrita se esta correta.